



IDENTIDADES E SUBJETIVIDADES: A LITERATURA NEGRA NO ENSINO MÉDIO

Bruno Santos Melo¹; Jailma da Costa Ferreira²

Universidade Estadual da Paraíba¹ - bsantosmelo@hotmail.com

Universidade Estadual da Paraíba² - jailma.jdf@gmail.com

Resumo: Partindo do pressuposto de que dentre tantas funções que exerce a literatura uma delas é a humanização, o presente artigo objetiva apresentar a experiência adquirida a partir da prática do componente curricular Estágio Supervisionado III, com uma turma de primeiro ano do ensino médio, em uma escola pública de Campina Grande, PB. O negro por muito tempo teve o direito à expressão de si negado, oprimido, sempre sendo representado por vozes de outrem. Na contemporaneidade essa realidade está sendo modificada, pois há uma afirmação identitária do negro, sobretudo nas artes, em especial na literatura. Dessa forma, na literatura contemporânea, o negro passa a ser não mais o objeto enunciado, mas o próprio enunciador e produtor de discursos de sua história. Como aporte teórico para subsidiar a discussão, faremos uso de Cosson (2009) no que fiz respeito ao letramento literário (proposta adotada na experiência) e Colomer (2003) com as reflexões acerca do leitor e da leitura literária, de Bauman (2005) e Hall (2014) concernentes às modificações na modernidade e suas implicações nas reconfigurações identitárias bem como de Paixão (2006) e Proença Filho (2004) para as questões relacionadas à identidade e subjetividade negra.

Palavras-chave: Identidade, Subjetividade negra, Letramento literário.

INTRODUÇÃO

Em séculos de história, sobretudo na formação política do Brasil, a figura do negro foi subalternizada, de modo a ser sempre aquele acerca quem se fala, visto a partir do olhar do outro, um outro branco, predominantemente europeu e estereotipado (PROENÇA FILHO, 2004). Soma-se a essa situação, ainda, a mulher negra, que, além do preconceito racial, é vítima também do preconceito de gênero, haja vista as bases machistas e patriarcais em que a sociedade encontra-se fundamentada.

Neste contexto, a literatura se apresenta como um importante instrumento para a democratização dos espaços (COLOMER, 2003) que, durante todo esse tempo, foi subtraído dos grupos minoritários como: mulheres, negros, velhos, tiveram inúmeros direitos, inclusive o da expressão, reduzidos às vontades do outro, que lhe impuseram normas, valores, dogmas, padrões e maneiras de ser, agir, se portar, etc. Assim, a literatura passa a ser um meio em que estes grupos se empoderam dos seus discursos, produzindo-os a partir de suas realidades, expressando-se à maneira que se enxergam, ainda que estes dizeres se encontrem situados em espaços que ainda apregoam preconceitos e intolerâncias.



Podemos afirmar, portanto, que a literatura negra traz consigo uma carga semântico-discursiva muito própria da realidade do negro. Elementos da vivência cotidiana são incorporados nas narrativas e nas poéticas de autores que, cômicos da constante luta pela conquista dos espaços que ainda são negados mesmo na contemporaneidade, elementos estes referentes à memória, à valorização da negritude em contraponto ao “embranquecimento”, à própria beleza negra, dentre outras temáticas.

Em meio a tantas transformações e afirmações no âmbito dos múltiplos grupos sociais, temas referentes às configurações identitárias são passíveis de reflexões. Diante de práticas culturais e simbólicas que constantemente se tornam mais híbridas e confluentes, desestabilizando valores imbricados desde os primórdios (PAIXÃO, 2006), a representação que se tem do negro, é condizente com a representação que este sujeito tem de si mesmo?

Diante disto, enquanto professores de Língua Portuguesa, faz-se necessário realizar junto aos alunos momentos de reflexão acerca do espaço e das representações do negro tanto no decorrer da história quanto na contemporaneidade, utilizando-se da literatura e das artes no geral enquanto um meio para oportunizar estes momentos, que se apresentam enquanto fundamentais para a desmistificação e para a própria formação cidadã e ética do aluno. Dessa forma, nosso objetivo neste artigo se delinea ao apresentarmos a experiência vivenciada no componente curricular Estágio Supervisionado III, do curso de Letras Português, da Universidade Estadual da Paraíba, bem como a experiência de uma aluna em especial, a partir da reflexão de textos de autores negros, que abordam questões referentes à negritude.

Conforme a lei 10639/03, que torna obrigatório o ensino da história e da cultura Afro-brasileira, tanto da África quanto do Brasil, em uma perspectiva interdisciplinar, desde 2003, ao propor reflexões que dizem respeito às representações do negro na sociedade pelo viés da literatura, corroborando com os pressupostos teóricos do Ministério da Educação (MEC), a exemplo das Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais 2006, é nosso objetivo, sobretudo, colaborar para o cumprimento dos regulamentos nacionais no âmbito da organização curricular escolar.

O ensino de literatura na atualidade está sendo redesenhado, ao passo que as aulas estão sendo focalizadas mais na formação de leitores literários do que em uma prática que tem seu meio e fim delimitados ao estudo da periodização da literatura. Dessa forma, o letramento literário, como propõe Cosson (2006), torna-se uma



importante estratégia metodológica na formação de leitores de literatura. Ao adotar este procedimento para suas aulas, o professor mostra-se disposto a repensar sua própria prática, atentando para as leituras que os alunos realizam, bem como as temáticas que se fazem presentes nesta experiência entre texto e leitor, a fim de aproximar o conteúdo visto em sala com a realidade deles.

Como embasamento teórico, a fim de subsidiar as discussões que serão apresentadas, faremos uso de Bauman (2005) e Hall (2014), no que tange ao processo de (re)construção identitária, de Cosson (2006) no que se refere ao Letramento Literário, Colomer (2003) com suas contribuições acerca da leitura e do leitor literário e de Paixão (2006) e Proença Filho (2004) para as questões que empreendem a literatura negra.

METODOLOGIA

A partir da aplicação de nossa sequência didática, organizada com base na proposta do Letramento Literário (COSSON, 2006), em uma turma de segundo ano do Ensino Médio, da rede estadual de ensino, situada na cidade de Campina Grande – PB, no componente curricular de Estágio Supervisionado III, foi perceptível que obtivemos resultados consideráveis a partir da experiência de leitura dos alunos com a literatura que aborda a temática negra.

A sequência compreendeu seis encontros, com duas aulas cada, resultando, assim, em doze aulas ministradas. Em cada encontro realizamos a Sequência básica, que se compõe pelos seguintes passos: Motivação, introdução, leitura e discussão. Os temas discutidos em cada encontro foram:

1º encontro: O racismo em nossa sociedade

2º encontro: Influência da sociedade na identidade dos sujeitos

3º encontro: A representação do negro na história

4º encontro: Negro (a) sou!

5º encontro: A influência da cultura negra em nossa sociedade

6º encontro: Pensando a sociedade atual

No intuito de melhor ilustrar a nossa práxis junto à turma, nos deteremos a refletir acerca do quarto encontro, que correspondeu à temáticas que envolveram a formação identitária do negro enquanto sujeito social.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao adotar para a nossa prática o modelo de Sequência Básica, que é parte do processo de letramento literário, a partir de Cosson (2006), objetivamos, apesar do pouco tempo em que estivemos com a turma, proporcionar aos alunos o máximo de contato e reflexão com os textos literários que fosse possível. Neste feita, trabalhamos com uma diversidade de textos literários, que versaram entre a prosa e a poesia, a partir de escritores como Luiz Silva (Cutí), Conceição Evaristo, Fernando Sabino, Victória Santa Cruz, entre outros. Foi nossa intenção, pois, que fossem realizadas não apenas leituras a fins de decodificação destes textos, mas sim uma leitura literária, pois como afirma Cosson (2006, p.17):

Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos.

Assim, a leitura literária diz respeito a uma compreensão e interpretação que estão para além das linhas do texto, que corrobora com a realidade do aluno, de forma a promover reflexões que modifiquem, de certa forma, a maneira deste aluno enxergar a si mesmo e o mundo que o rodeia. Nesta leitura, o leitor tem a oportunidade de projetar diversos “eus”, sem deixar de ser ele mesmo. Com esta experiência de leitura aplicada ao texto literário produzido por autores da literatura negra, percebemos que a relação dos alunos com os escritos se tornou mais empática, ao passo que muitos se enxergavam nos personagens das narrativas ou no eu-lírico dos poemas.

Com isto, não foi nosso objetivo apenas promover a leitura literária por fruição, mas proporcionar espaços para debates e exposições de pontos de vistas críticos dos alunos acerca das aproximações que os textos permitiam a partir da realidade deles, pois como afirma Todorov (2009, p. 26-27):

Os estudos literários têm como objetivo primeiro o de nos fazer conhecer os instrumentos dos quais se servem. Ler poemas e romances não conduz à reflexão sobre a condição humana, sobre o indivíduo e a sociedade, o amor e o ódio, a alegria e o desespero, mas sobre as noções críticas, tradicionais ou modernas.



Nas aulas, muitos alunos, sobretudo brancos, vale salientar, se posicionavam de forma crítica, apontando os inúmeros casos de racismo que já presenciaram, quer pessoalmente ou quer nas redes sociais. Esses posicionamentos contribuíram de forma positiva para o engendramento da aula, pois questões que iriam além do que estava previsto eram levantadas, como discussões acerca da apropriação cultural e da política das cotas raciais, proporcionando, assim, espaços para o desenvolvimento de competências que contribuem para o refinamento ou mesmo formação do senso crítico dos alunos, sendo essa uma das múltiplas funções que podem ser atribuídas à leitura literária, atrelando, assim, a literatura com a realidade do aluno, pois “ela é ao mesmo tempo efeito e causa. Imaginá-la como fenômeno isolado é não imaginá-la” (TODOROV, 2009, p.60).

Diante disto, o quarto encontro da nossa sequência, que teve por título “Negro(a) sou!”, iniciou-se com a motivação, momento inicial com a turma, no qual levamos a música “Olhos coloridos”, composta por Macau e interpretada por Sandra de Sá. Nosso intuito ao discutir a letra da canção e a própria performance da cantora ao interpretá-la se dá pelo fato de que é um texto que aborda questões referentes à uma “visão colorida”, que não enxerga o mundo de forma preta e branca, mas sim multicolorida, respeitando a sua diversidade e multiplicidade. Além disso, observamos junto aos alunos a entonação e ritmo com que a cantora canta a canção, em um viés de denúncia, de afirmação acerca de sua raça. O alunado se mostrou interessado na música, haja vista o conhecimento prévio por muitos deles.

Além disso, na etapa de introdução, afim de que os alunos recebessem a obra de uma maneira ainda mais positiva (COSSON, 2006), atentamos também para a biografia de Macau, compositor da música, e que foi vítima de violência(s) durante o período de ditadura militar devido a sua raça e também pela produção de arte por meio de suas canções. A própria música carrega a realidade hostil que o artista vivenciou, como “Você ri da minha roupa, você ri do meu cabelo, você da minha pele, você ri do meu sorriso”. Com essa discussão, os alunos puderam resgatar reflexões das aulas anteriores, enriquecendo o momento motivacional e o introdutório.

Como texto principal da aula, e adentrado nas etapas de leitura e interpretação, elencamos o conto “Olhos d’água”, da escritora Conceição Evaristo. A trama apresenta um cunho memorialista, narrando a história de uma mulher que relembra saudosamente a vivência com sua mãe, em meio às dificuldades que vivenciaram. A partir da leitura do conto junto com os alunos, eles perceberam questões pertinentes



na literatura negra, a exemplo da presença de termos da cultura africana e também das religiões de matriz africana, no culto ou recorrência às divindades destas crenças. Além disso, refletimos, como em todos os outros encontros, o papel do negro nas narrativas e poemas, a fim de desmistificar conceitos preconizados, pois

A causa dos negros aponta para uma mudança no patamar de relacionamentos entre todos os grupos raciais, que, ao contrário do que prevalece nos dias atuais, deve ser regido por parâmetros justos, éticos e solidários. Por essa razão, temos plena consciência de que a luta contra o racismo, a discriminação racial e todas as formas de intolerância em relação às diferenças deve ser assumida como uma causa de todos os brasileiros e brasileiras, que de um modo ou de outro acabam sendo prejudicados pela persistência de relações sociorraciais fundadas em alicerces sumamente assimétricos. (PAIXÃO, 2006, p. 22)

O negro, em todos os textos trabalhados em sala, é representado sempre enquanto protagonista de sua própria história. Adotar essa metodologia corrobora com uma possibilidade para amenizar o preconceito e contribuir para o engendramento das práticas identitárias que possibilitam uma aproximação maior entre o leitor, sobretudo negro, e o texto, sendo capaz de enxergar nas personagens negras potencial tal qual as brancas, desmistificando assim, o estereótipo que durante anos carrega a figura do negro, sendo inserido na literatura, por muito tempo, enquanto personagem secundário, que quase nada ou nada se fazia notado nos textos. Demonstrar, sobretudo ao público jovem leitor, que se encontra em um processo de formação intelectual e social, que os papéis sociais que tendem a humilhar e subalternizar o outro estão sendo desestabilizados, é de suma importância, pois esta é uma causa que deve ser militada por todos os brasileiros (PAIXÃO, 2006).

A partir das discussões levantadas em sala, a questão da identidade se fez presente em grande parte das aulas, no entanto, neste quarto encontro, dedicamos o espaço para refletir acerca do que é ser negro. Uma das alunas afirmou que, nestas reflexões, enxergava sua realidade nos textos, construindo pontes com sua vivência enquanto negra, pois como destaca Colomer (2003, p.133):

a literatura oferece uma maneira articulada de reconstruir a realidade, de gozar dela esteticamente, de explorar os pontos de vista próprios através da apresentação de outras alternativas ou de reconciliar-se com os conflitos através de uma experiência pessoal e subjetiva

A literatura proporciona, além do fim de entretenimento, múltiplas funções, dentre elas, a social, enquanto uma forma de encarar, refletir e ressignificar a realidade dos leitores,



proporcionando momentos de aproximação e identificação, como com a aluna, que pôde estabelecer laços com a sua própria história, bem como a de seus familiares, resgatando, assim, as experiências de sua vida, contribuindo para discussões com o restante da turma.

Neste encontro, ao discutirmos questões que compreendem o processo identitário da negritude, concebendo a identidade não enquanto estanque ou acabada, mas como um processo (HALL, 2014), a aluna afirmou que, “para ser negro, eu não preciso ter cabelo black ou usar roupas coloridas. Eu posso ter o meu cabelo liso, rosa, azul, como eu quiser.”¹ A partir dessa assertiva, percebemos, junto à turma, que ser negro não é apenas uma aparência, mas envolve questões que estão para além da cor da pele, do estilo de cabelo ou roupas que se vestem. Com isso, a turma percebeu que outras questões envolvem a produção da subjetividade negra, sobretudo de ordem ideológica, cultural.

Em um contexto pós-moderno, marcado, sobretudo por dissoluções nos mais variados campos sociais e subjetivos, as identidades encontram-se também em uma situação de fluidez, não tendo mais “a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis...” (BAUMAN, 2005, p. 17). A partir dessa assertiva, podemos nos questionar acerca da pergunta que fizemos aos alunos: o que é ser negro, então? Será que se pode enquadrar o negro em uma identidade? Uma reflexão pode ser realizada a partir da resposta da aluna, que, de forma pontual, corrobora com o pensamento de Bauman (2005) e Hall (2014), no que diz respeito ao “não-emolduramento” da identidade negra em um estereótipo, tendo em vista as constantes atualizações e ressignificações identitárias, considerando que a “identidade está profundamente envolvida no processo de representação”, como afirma Hall (2014, p. 41).

CONCLUSÕES

A partir de nossa experiência com o componente curricular Estágio Supervisionado III, na ministração de aulas de literatura para o Ensino Médio, percebemos que as discussões em torno das identidades ainda se mostra de forma tímida. Os alunos, em sua maioria adolescentes, vivenciam um processo de (re)construção identitária, e em um contexto educacional no qual a escola protagoniza, muitas vezes, o papel que cabe à família, faz-se de suma importância tratar questões referentes ao desenvolvimento do aluno enquanto ser social,

¹ A frase, proferida pela aluna em um dos momentos de discussão, foi transcrita neste espaço tal qual foi pronunciada em sala.



situado histórica e socialmente em um ambiente arraigado por preconceitos de diversas formas e manifestações, a fim de amenizar estes males que assolam a sociedade.

Ao tratar a temática do negro na sociedade, objetivamos, também, perceber, junto ao alunado, a ainda persistência dos múltiplos tipos de violência contra a figura negra na sociedade, sobretudo brasileira em pleno século XXI, marcadamente notada pelos mais diversos processos evolutivos, muitas pessoas resguardam pensamentos e ideais de cunho racista, misógino, homofóbico, que tendem sempre a violentar e invadir o espaço do outro, pelo simples fato de ir de encontro ao que prescreve a sociedade.

A aproximação do texto literário com os alunos foi de grande valia, pois, ainda que a temática abordada nos escritos trabalhados em sala já fosse do conhecimento da turma, a perspectiva adotada proporcionou momentos relevantes para a emancipação do aluno enquanto sujeito social, que, sofre preconceitos por causa da sua raça, opção sexual, religião, gênero, etc. Nas aulas os alunos traziam constantes exemplos de suas realidades, como um caso de racismo sofrido por eles ou mesmo a experiência com pessoas que são ou foram alvos desse tipo de preconceito.

Dessa forma, afirmamos a pertinência e a importância de se trabalhar com questões da realidade em que os alunos encontram-se inseridos, de modo a proporcionar um ensino que surta efeito e promova mudanças no modo destes sujeitos enxergarem o mundo que o cerca e o seu próprio mundo interior, que, muitas vezes, é incompreendido e repleto de dúvidas e inseguranças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação/Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais. Brasília: SECAD, 2006.

_____. Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003. D.O.U. de 10/01/2003.

COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**: narrativa infantil e juvenil atual.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.



CONGRESSO BRASILEIRO SOBRE
LETRAMENTOS E DIFICULDADES DE
APRENDIZAGEM

PAIXÃO, Marcelo. **Desigualdade nas questões racial e social. Saberes e fazeres**, v.1: modos de ver / coordenação do projeto Ana Paula Brandão. - Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006 116p.: il. color. - (A cor da cultura) – p.p. 21/35

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. In: **Estudos avançados**. São Paulo, v. 18, n. 50, p. 161-163 apr. 2004.